

Vinte anos sem Florestan

Heloisa Fernandes

Após vinte anos da morte do meu pai, Florestan Fernandes, fica para nós, da família, a lembrança da sua presença carinhosa, alegre, solidária. Para nós, brasileiras e brasileiros, fica sua lição de vida. Lição das lutas do menino que enfrentou tantas exclusões reservadas aos pobres do nosso país. Graças a elas, Florestan nos deixou uma vasta obra na qual o olhar da pobreza adquiriu as lentes densas e profundas fornecidas pela Sociologia. Foi assim que Florestan analisou a sociedade brasileira denunciando suas exclusões, suas discriminações, seus preconceitos. Foi por isso que lutou pela democracia ampla, radical; única que poderia garantir e ampliar o acesso da grande maioria dos brasileiros à plena cidadania.

Nesta bela homenagem que lhe é prestada hoje, aqui, na Câmara Municipal, pensei trazer algumas citações que dessem voz ao menino e ao sociólogo.

Em 1991, numa entrevista a Paulo de Tarso Venceslau, Florestan fala das suas origens e recorda sua infância. Diz ele que *“repartia com minha mãe a obrigação de sustentar o lar. Ela tinha dois filhos: eu e uma menina que morreu com cinco anos. Costumo dizer que nós vivíamos ao léu (...). Nós morávamos em pequenos cortiços ou em porões e, quando o aluguel*

subia, éramos obrigados a abandonar o lugar em que estávamos. Nós éramos tocados pela vida, de uma maneira dura”. (2008, p.174)

Quanto ao curso de madureza, feito aos 17 anos e que lhe permitiu o acesso à Universidade de São Paulo, Florestan recorda o ginásio Riachuelo que, graças ao professor Benedito de Oliveira, um grande educador, “*era nossa casa. Nós tínhamos a chave e continuávamos a estudar depois que as aulas terminavam, durante uma hora ou mais, dependendo do horário do bonde”*. (2008, p. 175/6)

E lembrou que durante “*o período em que trabalhei como aprendiz, em marcenaria, alfaiataria, etc. havia certa inquietação social, de caráter populista. Em 1930, por exemplo, eu corri pelas ruas gritando ‘queremos Getúlio’* .Porque o sentimento de oposição era muito forte nas massas populares. *Eu era um autêntico condenado da terra. Descalço, corria pelas ruas com aquela multidão”*. (2008, p.176)

Em 1989, numa entrevista radiofônica, o sociólogo e o socialista denunciavam que nossa Constituição recém-promulgada estava incompleta por ter preservado privilégios e exclusões. Diz ele que “*a questão mais chocante é a da reforma agrária, sem dúvida nenhuma. Num país como o Brasil, com tantos milhões de pessoas passando fome, migrando de uma região para outra, se quisermos nos tornar uma nação, é necessário*

pensar primeiro no povo, depois em outras coisas. Essa prioridade número um não foi atendida e a questão da reforma agrária mostra o quanto nossas elites, especialmente as elites econômicas, intelectuais e políticas, voltam às costas aos aspectos mais duros da realidade”. (2008, p.165)

Sabemos que nestes últimos vinte anos várias exclusões começaram a ser enfrentadas e avançamos na democratização do ensino e na luta contra a discriminação racial. Tragicamente, porém, mantivemos inúmeros privilégios e progredimos quase nada na reforma agrária, na reforma urbana e na luta contra inúmeras discriminações e preconceitos.

Bem se disse que a indignação foi uma marca registrada do Florestan. Indignação contra a exploração; indignação contra todas as formas da injustiça. Ainda agora, no último dia 29 de julho de 2015, a imprensa noticiou que os órgãos de fiscalização encontraram fazendas no Piauí nas quais os trabalhadores eram alojados junto com os porcos, sem carteira assinada, sem equipamentos de proteção individual e sem condições mínimas de higiene, saúde e segurança! (2015, p. A15)

Florestan corria descalço pelas ruas de São Paulo, nos inícios do século XX. Entramos no século XXI, completamos vinte anos sem Florestan, mas o mundo da sua infância ao léu resiste em muitos e inúmeros rincões do nosso país! Enquanto esse mundo persistir, Florestan

continuará na lista de chamada do colégio Riachuelo. Nós todos, seus companheiros de indignação e de luta, respondemos por ele:

“Florestan?

- Presente!”

São Paulo, 8 de agosto de 2015,

Bibliografia:

- Cohn, A. (org.), **Florestan Fernandes**, Beco do Azougue, Rio de Janeiro, 2008.

- “*Fazendas alojavam trabalhadores junto com porcos no Piauí*”, **Folha de S.Paulo**, 29/07/15.